

## LAJE DE VALE DE JUNCAL (MIRANDELA)

Maria de Jesus Sanches \*

O texto que se segue apresenta o estudo preliminar de uma grande laje de xisto quartzítico negro, cuja face visível se apresenta toda picotada de modo intencional. Alguns destes picotados alinham-se por forma a definir figuras conhecidas de arte esquemática holocénica peninsular; outros parecem já desenhar letras do alfabeto árabe.

### A. Condições de achado e localização actual. Algumas indicações relativas ao possível contexto de origem.

No decurso da prospecção arqueológica que, em Agosto de 1992, realizávamos na bacia de Mirandela <sup>1</sup>, o Sr. Agripino Franqueiro, da aldeia de Passos, acompanhou-nos à aldeia de Vale de Juncal, a casa de uma família sua amiga, onde estaria uma laje com gravuras. Segundo se dizia, teria sido trazida, conjuntamente com outras lajes que também se encontram integradas nas paredes e chão da casa e aquando da construção desta, de um local junto do rio (Tuela), denominado de "Antas" ou "Prado Santo" <sup>2</sup>.

Os actuais donos da casa, e também de uma propriedade localizada no sítio das "Antas" e de outra no "Prado Santo", ambas com dólmenes muito destruídos <sup>3</sup>, são os senhores Clemente Neves e Maria Virgínia Neves, antigos caseiros de um dos herdeiros de João Baptista da Silva, o mais antigo proprietário da casa de que há memória. A propriedade do local de "Prado Santo", também foi comprada a um dos filhos de João Baptista da Silva. Porém, este não foi o construtor da casa de habitação onde se situa a laje. O mesmo te-la-á adquirido <sup>4</sup> nos primeiros anos deste século a um outro proprietário, mas não se sabe se teria sido este o construtor.

No portão da fachada principal da casa (entrada norte) está gravada a data de 1920, mas segundo informações de pessoas idosas (com cerca de 90 anos, como a mãe e tia do Sr. Clemente Neves <sup>5</sup>), trata-se do registo da única obra de manutenção e, eventualmene, de transformação da casa,

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. R. Campo Alegre, 1055. 4100 Porto.

<sup>1</sup> A prospecção em causa, assim como o estudo desta laje, foram realizadas no âmbito de um projecto colectivo de investigação arqueológica denominado "Génese e consolidação da economia agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro", subsidiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

<sup>2</sup> Agradece-se muito particularmente ao Sr. Clemente Neves, esposa, Maria Virgínia, e filha, Carmelina dos Santos, proprietários da casa onde se encontra a laje, a amabilidade com que nos receberam, prestando-nos todo o apoio requerido e ainda colectando informações que nos pudessem ser úteis. Ao Sr. Agripino Franqueiro expressamos também a nossa gratidão por nos ter noticiado a existência da laje gravada. Agradece-se ainda a Primitiva Bueno Ramirez a leitura crítica deste texto e, particularmente, as sugestões relativas à interpretação dos motivos da Laje de Vale de Juncal, embora as opiniões aqui expressas sejam da nossa inteira responsabilidade.

<sup>3</sup> A notícia da descoberta deste dólmen de Prado Santo ou Padre Santo foi publicada em: SANCHES, M. J. e SANTOS, B. C. T. O. (1987), Levantamento Arqueológico de Mirandela, *Portugália*, n.s., VIII, FLUP, Porto.

<sup>4</sup> Pensa-se que a casa foi comprada conjuntamente com a propriedade situada em Padre Santo ou Prado Santo.

<sup>5</sup> A informação da tia do Sr. Clemente Neves, Sr.<sup>a</sup> Eulália do Nascimento, é de grande conta já que a mesma trabalhou, desde menina e até que se reformou, como empregada doméstica para os anteriores proprietários da casa.

de que há memória. Essas obras não teriam afectado o piso do 1.º andar, onde se encontra inserida a laje com gravuras.

Deduz-se que esta casa foi construída muito antes de 1920 e, atendendo à memória da mãe do Sr. Clemente, provavelmente ainda durante o século passado.

A casa, de grande beleza, apresenta um traçado tão peculiar que se demarca claramente das casas de habitação de Trás-os-Montes, embora possua as áreas funcionais características de uma casa de lavoura abastada<sup>6</sup>. De modo sintético, digamos que consiste num quadrilátero alongado no sentido N.-S., com dois pisos: o rés-do-chão, destinado a adegas, armazéns, etc., e o primeiro andar, concebido para a habitação propriamente dita, com cozinha, salas, quartos, etc. A particularidade desta casa consiste num grande pátio interior parcialmente descoberto, e actualmente cimentado, cujo traçado rectangular segue o do contorno exterior da casa. Do pátio, que se abre para a entrada principal exterior (entrada norte) através de uma porta muito larga, acede-se directamente a todos os compartimentos do rés-do-chão e ainda aos do primeiro andar por meio de uma escada feita de lajes de xisto e situada no extremo sul (do pátio).

Esta escada dá acesso a um pórtico largo, assente em colunas de madeira, que percorre todo o pátio interior formando também quadrilátero. Deste se acede, pelo interior, a todos os compartimentos deste piso.

A particularidade a referir aqui é que todo o piso ocupado por quartos de dormir e sala, assim como o pórtico que lhe dá acesso, é de madeira. Pelo contrário, na cozinha e na parte do pórtico que lhe dá acesso directo a partir das escadas interiores, *o chão é feito essencialmente em enormes lajes rectangulares de xisto grauváquico de cor acastanhada, mas também inclui 7 lajes de xisto quartzítico negro*, como se pode observar no tecto do compartimento situado no rés-do-chão, imediatamente por baixo da cozinha, pois esta foi recentemente pavimentada de tijoleira.

A laje que é objecto deste trabalho é de xisto negro quartzítico, muito mais duro que as restantes, e encontra-se, assim, inserida no piso do pórtico, na zona imediata à soleira da porta interior da cozinha que dá acesso directo quer às escadas para o pátio, quer aos restantes compartimentos de habitação da casa<sup>7</sup>.

Apresenta o lado maior paralelo à soleira e parece-nos claro que foi especialmente escolhida para este local de intensa passagem por se tratar de uma rocha mais dura e, provavelmente, também por razões estéticas. Para um e outro lados da laje gravada, dispõem-se outras lajes sub-rectangulares de xisto, 3 das quais em xisto negro, de dimensões um pouco inferiores e assentes, tal como as restantes deste piso, com os seus lados maiores paralelos aos lados menores da pedra em questão. Duas destas lajes apresentam alguns picotados. Aquela que se situa do lado esquerdo (para quem sai da cozinha para o pátio) possui dois grupos de covinhas, um em cada extremo da laje, mas que foram realizadas recentemente com picos metálicos. Do lado direito a primeira laje não tem gravuras (e não é de xisto negro), mas a segunda possui também um grupo de picotados na parte superior, a maioria dos quais nos parecem de realização pré-histórica dada a sua semelhança com as gravuras de tipo 1 da laje que é objecto deste trabalho. Apresentamos também aqui essas gravuras. Damos a esta a denominação de laje 2 sempre que a queiramos distinguir da anterior.

Estas lajes de xisto negro (da cozinha e pórtico) apresentam ainda outra particularidade que cabe destacar. Enquanto 4 de entre elas apresentam as faces inferiores (reverso) com marcas de terem sido destacadas, com um ferro, de um afloramento ou de um bloco maior, 3 têm essas faces alisadas e sem qualquer marca de picotado. Situam-se as três no pórtico e são as seguintes: laje 1, que é objecto deste trabalho; laje que se encontra do lado esquerdo desta e que contém na parte superior picotados feitos com instrumento metálico e laje 2 com gravuras pré-históricas<sup>8</sup>.

Outras 2 lajes de xisto negro foram escolhidas para soleira de duas portas que a partir do pátio dão acesso a arrecadações e ainda uma mais pequena foi talhada para ocupar a base do lance de

---

<sup>6</sup> A descrição que fazemos da casa tem como único objectivo mostrar que o piso e o local onde se situa a laje gravada corresponde à área de passagem mais utilizada pelos habitantes.

<sup>7</sup> Se contarmos as lajes de xisto quartzítico negro que existem no chão da cozinha e no pórtico, são 7: 3 na cozinha e quatro no pórtico. A cozinha tem também uma entrada exterior, situada na direcção da porta interior, e precedida de escadas actualmente cimentadas.

<sup>8</sup> Agradecemos ao Sr. Clemente Neves e ao seu genro, Sr. Santos, por nos terem chamado a atenção para este facto e nos terem explicado como se destacam actualmente lajes planas de xisto a partir de afloramentos ou de lajes maiores.

escadas interiores. Todas estas possuem picotados muito grandes, irregulares e invasores, tornando-se difícil perceber se há algo que não tenha sido feito recentemente.

De toda esta exposição parece-nos ser de reter o seguinte.

A casa de Vale de Juncal onde se encontra a laje gravada foi construída muito antes de 1920, provavelmente ainda no século passado. Todas as pedras que integram a estrutura interior da casa, incluindo as gravadas, foram trazidas aquando da construção; aquelas de xisto duro, negro, deviam já nessa altura ser em número muito limitado pois foram seleccionadamente colocadas nas zonas mais sujeitas a desgastes provocados pela passagem — soleira das portas, fundo das escadas e, especialmente aquela de que aqui tratamos, na zona de saída da cozinha, quer para o resto da casa de habitação, quer para o pátio interior, dispensas e saída norte.

Em Vale de Juncal e imediações quase não existem afloramentos de xisto quartzítico negro. O único conhecido das pessoas da aldeia situa-se a cerca de 1 Km de Vale de Juncal, no local do Tapado da Urreta Verde, que visitámos e do qual apresentamos alguns comentários em nota <sup>9</sup>. Pelo contrário, abundam os xistos grauváquicos mais frágeis e mais esfoliáveis uns, e mais duros, porque quartzíticos, outros. É destes últimos xistos que é feita toda a casa. Esta constatação faz-nos supor que *as raras lajes de xisto negro* utilizadas na construção, ou foram destacadas de um afloramento próximo, ou foram reutilizadas de construções pré-existentes na aldeia ou arredores.

Como referimos acima, ninguém se lembra realmente da construção da casa, nem da origem dos materiais, embora exista a ideia de que as grandes pedras tinham sido trazidas do sítio do “Padre Santo” ou “Antas”, locais imediatos um ao outro e situados junto do rio Tuela, em zonas de sedimentação fluvial.

Tratando-se da única pista, e conhecendo nós, de prospecção anterior, um dólmen muito destruído em Vale de Juncal, de que resta um esteio de xisto grauváquico, com cerca de 1 m de largura, fincado no solo mas partido na parte superior, rodeado de quatro lajes do mesmo material tombadas e de seixos rolados de grandes dimensões, tudo inserido num montículo alongado (pois é atravessado por um caminho), resolvemos visitar também o sítio das “Antas” <sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Não existia qualquer memória de este local ter sido habitado na Pré-história. Foi a busca de eventuais afloramentos de xisto quartzítico negro, de onde tivesse sido talhada a pedra gravada que se encontra na casa do Sr. Clemente Neves, em Vale de Juncal, que nos levou a este local do Tapado da Urreta Verde, a uma propriedade que pertencia aos antigos donos da casa e pertence ainda ao actual proprietário da mesma. Como este local pode eventualmente relacionar-se com a laje em questão ou, pelo menos, com a ocupação pré-histórica do território desta aldeia, passamos a apresentar a sua ficha identificativa (resumida). Localização: Tapado da Urreta Verde (topónimo); lugar de Vale de Juncal, freguesia de Abambres, concelho de Mirandela, distrito de Bragança. Coordenadas (de um ponto central da estação): latitude - 41° 32' 36" N.; longitude - 1° 56' 35" E. de Lx.; alt. absoluta - 310 m (segundo a Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25.000, folha 76). Acessos: há um caminho carreteiro que parte da estrada alcatroada que conduz a Abambres, logo acima de Vale de Juncal e junto ao cemitério da aldeia. Este caminho, ou estradão, conduz ao cimo do monte denominado Cerca ou Castelão. A cerca de 400 m do cemitério, é necessário abandonar o caminho, seguir para NE. e caminhar cerca de 300 m. Trata-se de um afloramento de xisto quartzítico negro, que recentemente foi destruído por um “bulldozer”, estando a maioria das fragas arrancadas e viradas com a sua parte superior para o solo. Apesar de não podermos ter verificado todas as superfícies, pois as que estão contra o solo só uma máquina as podia mover, não vimos qualquer gravura pré-histórica, ou outra. Contudo, no terreno contíguo, onde se encontra um olival, encontrámos 11 peças líticas talhadas de quartzo: 1 raspadeira carenada; 2 raspadores simples e 1 duplo; 4 lascas de dorso preparado, retocadas; 1 lasca angular retocada; 1 lasca de dorso natural, retocada; 1 núcleo com vestígios de extracções na face ventral. Todas as lascas são de quartzo, têm um aspecto muito tosco e a maioria apresenta vestígios de córtex, o qual neste caso é xisto quartzítico negro. Todas as peças são bastante espessas e 3 de entre elas apresentam vestígios claros de utilização. Este espólio não nos permite identificar com precisão esta estação pré-histórica. Situa-se na encosta, aqui suave, do monte da Cerca, sobranceiro ao Regato do Freixo e à aldeia de Vale de Juncal (ver fig. 11.2 do artigo “Megalitismo na bacia de Mirandela”, neste volume). A nossa visita não permitiu perceber se este era ou não o local de origem da laje gravada de Vale de Juncal mas as peças líticas pré-históricas que encontrámos poderão indicar a utilização esporádica do local para fins que desconhecemos. Hipoteticamente este local poderia, já na época pré-histórica, ter sido usado como pedreira, ou local de extracção de matéria-prima, pois o xisto quartzítico que aí aparece é de muito boa qualidade: é duro (não esboroa) e dele se podem extrair blocos perfeitamente regulares. Segundo informações que colhemos na aldeia, o antigo proprietário do terreno guardava ciosamente estas fragas da cobiça daqueles que pretendiam fazer construções na aldeia pois em nenhum outro local próximo se encontra xisto desta qualidade.

<sup>10</sup> Acompanhou-nos o Sr. Clemente Neves já que a propriedade era sua e tendo-a cultivado desde muito novo, poderia informar-nos melhor do que ali existia antes de os cultivos serem feitos com máquinas agrícolas, as quais revolvem profundamente o solo. Segundo nos disse, lembra-se de haver mais lajes no monumento 1 e de o montículo em torno da pedra fincada ser mais proeminente. A mamoa 4, que é atravessada pelo caminho, também se soerguia do solo muito mais do que actualmente pois agora está quase arrasada. Não se lembra desta ter possuído esteios (ver fig. 11.2 do artigo “Megalitismo na bacia de Mirandela”, neste volume, o qual inclui, ainda, quer a descrição e localização exacta do local Antas e Prado Santo, quer o espólio aí recolhido).

Trata-se de uma antiga praia (ou terraço) de rio, aplanada, de solo argiloso e com imensos seixos rolados, que tem vindo a ser utilizada para cultivo de trigo. Aí, a cerca de 350 m do leito do rio, encontrámos vestígios de quatro monumentos, numa área limitada de cerca de 300 m<sup>2</sup>. Em três destes ainda se conservam um ou dois esteios e no outro, já só a mamoa semiarrasada. Junto de um largo esteio do monumento 1 que, embora partido na parte superior, tem 1,5 m de largura, encontrámos uma enxó de quartzo branco com vestígios de uso. No campo lavrado entre os monumentos recolhemos 7 dezenas de peças de quartzo talhadas, sendo de destacar várias raspadeiras carenadas, raspadores, furadores, percutores, etc.

O dólmen de Prado Santo ou Padre Santo situa-se a cerca de 400 m para norte deste núcleo das “Antas” e a aproximadamente 200 m do rio, mas implanta-se na parte mais destacada de um pequeno cabeço de topo aplanado.

Ambos os locais, porque contíguos, distam da aldeia de Vale de Juncal menos de 1 Km.

Será possível que as lajes que constituem parte do 1.º piso da casa e que não apresentam marcas de terem sido destacados de afloramentos, tenham sido trazidas destes dólmenes, actualmente muito arruinados, mas, como se depreende da exposição, não nos foi possível confirmar ou infirmar aquela notícia. O local Tapado da Urreta Verde possui xistos quartzíticos negros, foi frequentado na Pré-história, e representa um outro local possível de onde aquela laje poderia ter sido destacada quer na Pré-história, quer em época recente <sup>11</sup>.

## B.1. Descrição da laje (1)

### 1. Dimensões e estado de conservação.

A laje de Vale de Juncal tem forma sub-rectangular. Como está inserida no piso da casa e ainda parcialmente coberta de cimento nas suas extremidades, as medidas que se seguem são aproximadas (por defeito): altura - 2,56 m; largura - 1 m; espessura - 17 cm; matéria-prima - xisto quartzítico negro.

Estado de conservação — apresenta a superfície visível muito polida e gasta pelo uso (nas zonas de passagem regular) e pelas sucessivas lavagens, como se indica na fig. 2.b. Nalgumas zonas os esboroamentos foram cobertos de cimento.

### 2. Descrição das gravuras.

Na descrição das gravuras, executadas todas por picotagem, é necessário alertar de novo para o facto de a passagem diária por sobre as figuras, assim como a lavagem da pedra com escovas duras e produtos corrosivos (como lixívia) terem alterado substancialmente a configuração inicial dos diferentes picotados. Nalguns casos, e em especial nos trajectos mais utilizados, torna-se claro que num grande número de covinhas pré-existentes só ficou assinalada de modo indelével a sua parte mais funda, o que redundava inexoravelmente na perda da sua eventual conexão primitiva. Noutros, com incidência particular para a imediata zona de saída da porta, julgamos mesmo que a grande maioria terá desaparecido.

“Falsas patines” e desgastes variados contribuem também para a não diferenciação clara entre os picotados realizados em diferentes momentos ou épocas.

Apesar destas contingências, um persistente trabalho de análise e registo de cada uma das covinhas permitiu-nos distinguir, neste primeiro levantamento, uma sequência (ainda que grosseira) dos motivos e/ou áreas picotadas em diferentes épocas ou, simplesmente, em diferentes “momentos”.

Para uma melhor compreensão, seguiremos a reconstituição da história da gravação da laje, que elaborámos com base na análise acima e, adentro de cada momento apresentaremos então a descrição das figuras gravadas. Repetimos que se trata de uma reconstituição aproximada pois não nos foi possível, em cada momento, dar conta da *totalidade* das gravações e regravações efectuadas.

A leitura da descrição que se segue deverá ser acompanhada do esquema da fig. 2a.

1. Tipo de picotado 1 — covinhas de configuração subcircular e fundo arredondado. As maiores e mais bem conservadas têm de diâmetro aproximado 1,2 cm e de profundidade 0,5 cm.

<sup>11</sup> Cf. nota 9.

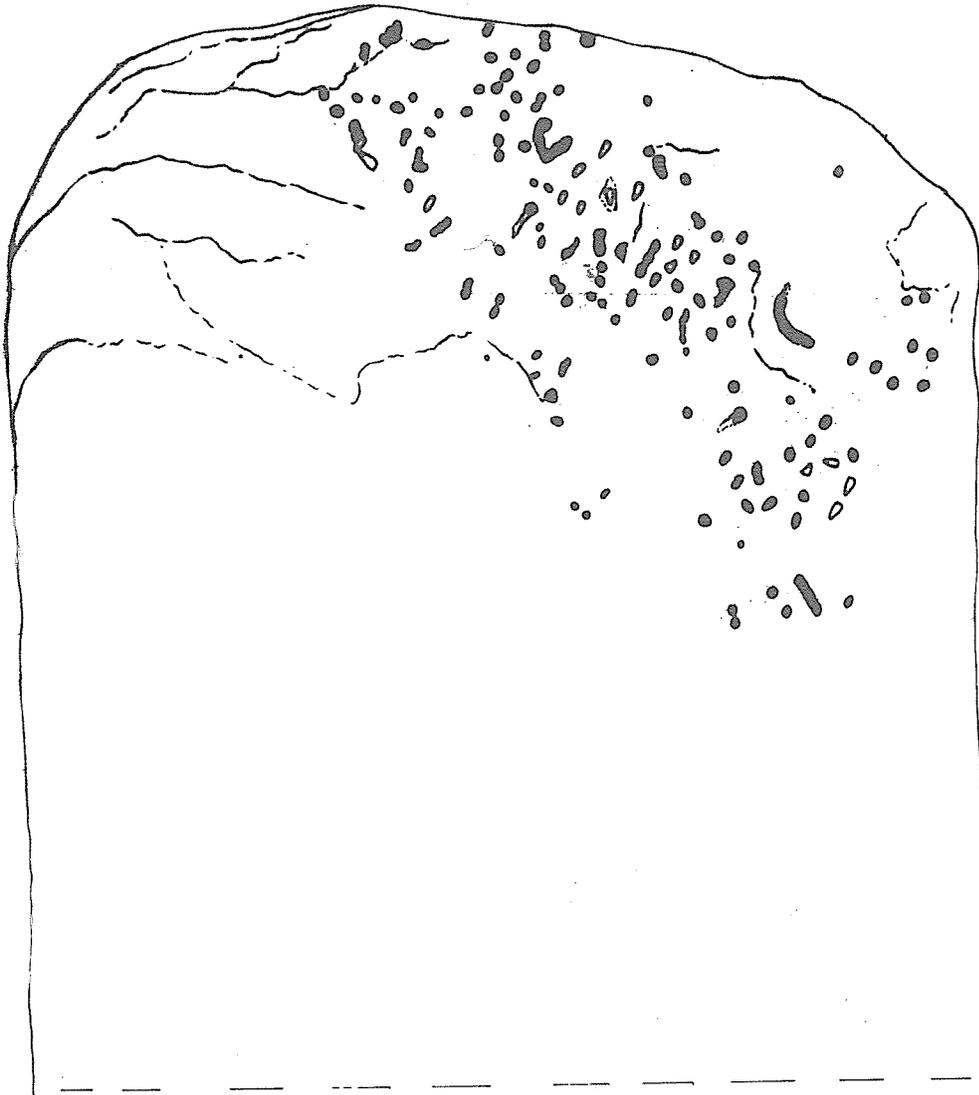
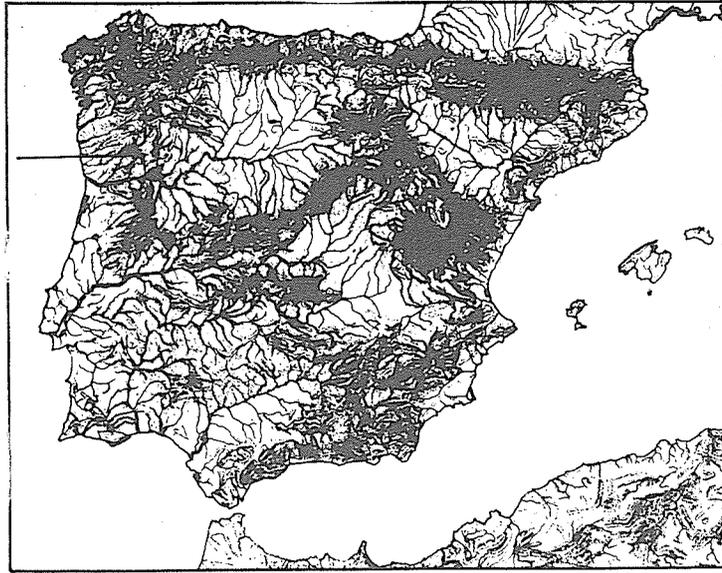


Fig. 1 — 1. Localização de Vale de Juncal na margem direita do rio Tuela (bacia de Mirandela).  
2. Gravuras da laje 2 de Vale de Juncal (*desenho sobre fotografia*).

Foi-nos possível isolar as gravações constantes da fig. 3. É provável que faltem algumas covinhas nas áreas de A1, parte inferior de A2 e ainda em A4 (fig. 2a) pois esta zona menos desgastada foi sujeita a regravações tão profundas e tão invasoras que não é possível discernir se aqui se encontravam inicialmente outras gravuras.

A4 e B4 — Algumas covinhas.

A3 — Algumas covinhas dispostas de forma aparentemente caótica. Poderia ter existido aqui um motivo, a julgar pelos dois alinhamentos de pontos (bastante delidos) que se desenham na horizontal, paralelos entre si e cortados verticalmente por outro alinhamento. Num momento posterior o alinhamento vertical foi parcialmente regravado. Do lado esquerdo e utilizando ainda os alinhamentos horizontais, desenha-se um arboriforme de eixo quebrado e dissimétrico, profundamente regravado, mas a sua configuração geral parece pertencer ao “momento” que estamos agora a tratar.

B3 — Encontra-se aqui de forma muito nítida uma figura emblemática que pode ser interpretada *ou como uma representação antropomórfica em fi grego ou como um arco*. Se se tratar de um arco (com a respectiva seta, esta *pousada* em posição de lançamento), estamos perante uma representação estática e idealizada pois na realidade o acto de arremesso que a curva exagerada do arco poderia indicar, é contradita pela falta de tensão da “corda” que une, neste caso com uma linha recta, os extremos do arco. Ainda a posição da base da seta, cuja haste se prolonga muito para baixo da corda, pugna em favor de uma representação mais ideal do que real, mais carregada de valor simbólico. Na sequência deste texto empregaremos sempre os termos “antropomorfo/arco” para denominar esta figura. No termo “antropomorfo” deve subentender-se sempre “antropomorfo em fi grego”.

Esta figura foi reavivada posteriormente nalguns pontos, mas a sua configuração geral original não foi alterada, antes reafirmada. Destaca-se, porém, o prolongamento superior do eixo vertical.

Todo o interior da figura se apresenta preenchido com pontos (covinhas); alguns destes rodeiam-no ainda pela sua parte superior, mas é em torno da base do eixo central que uma verdadeira “nuvem” de pontos se prolonga para a esquerda (A3), para a direita e para baixo (até à parte superior de B1). Na metade superior de A2 e na parte inferior de A3 são mais esparsos, mas aqui estamos perante uma gravação muito delida pela passagem e com certeza extensamente obliterada. Em B2 rodeiam um arboriforme, cujo eixo central e “ramos” laterais se encontram profundamente gravados. Este arboriforme é encimado por uma covinha profunda, a qual lhe confere um “ar” antropomórfico. Nalguns pontos também esta figura foi posteriormente regravada mas essa regravação só reavivou o motivo inicial.

É impossível saber se do lado esquerdo do arboriforme já existia o sulco (pouco profundo) que parece prolongar o “braço” superior da figura. O mesmo acontece com a parte inferior daquele que posteriormente entrou na definição do cabo da alabarda, embora este seja bastante mais largo e mais bem definido que aquele.

Precisando o que foi dito acima, “nuvens” de covinhas, umas vezes mais ou menos alinhadas, outras dispostas “caoticamente”, preenchem toda esta zona em torno do arboriforme (ocupam toda a zona de B2) e começam a rarear à medida que se aproximam da extremidade inferior da laje. Todavia, neste canto da pedra é necessário atender de novo às possíveis destruições decorrentes da passagem repetida.

2. Tipo de picotado 2 — covinhas de configuração alongada (ou, mais raramente, irregular), que variam entre 1 e 1,2 cm de comprimento, de fundo alongado também, mas frequentemente mais profundo numa das extremidades; o perfil será em V mais ou menos agudo, ou mesmo U, mas é quase sempre dissimétrico. Estas covinhas foram realizadas ou com uma técnica de percussão diferente das anteriores, ou mesmo com um instrumento diferente, provavelmente mais duro e de ponta mais aguçada. As mesmas fazem supor um gesto de gravação muito rápido e preciso. Embora o seu perfil e configuração em geral nos faça intuitivamente pensar num instrumento metálico, não se torna obrigatório que assim fosse dado que o xisto, como rocha branda que é (se comparada com outras como o granito), facilmente seria gravada deste modo com um instrumento muito aguçado e duro, mas preferentemente por percussão indirecta.

As regravações também foram feitas com esta técnica, mas neste caso a rocha nem sempre é marcada de modo tão profundo. Coexistem assim regravações mais profundas com outras que marcam a rocha de modo mais superficial.

As gravações recentes indicam-se na fig. 4 e correspondem genericamente às letras do alfabeto presentes em B4, B2/B1, ao sulco do canto inferior direito de B3 e a algumas outras covinhas situadas fundamentalmente em A-B/1 e B4.

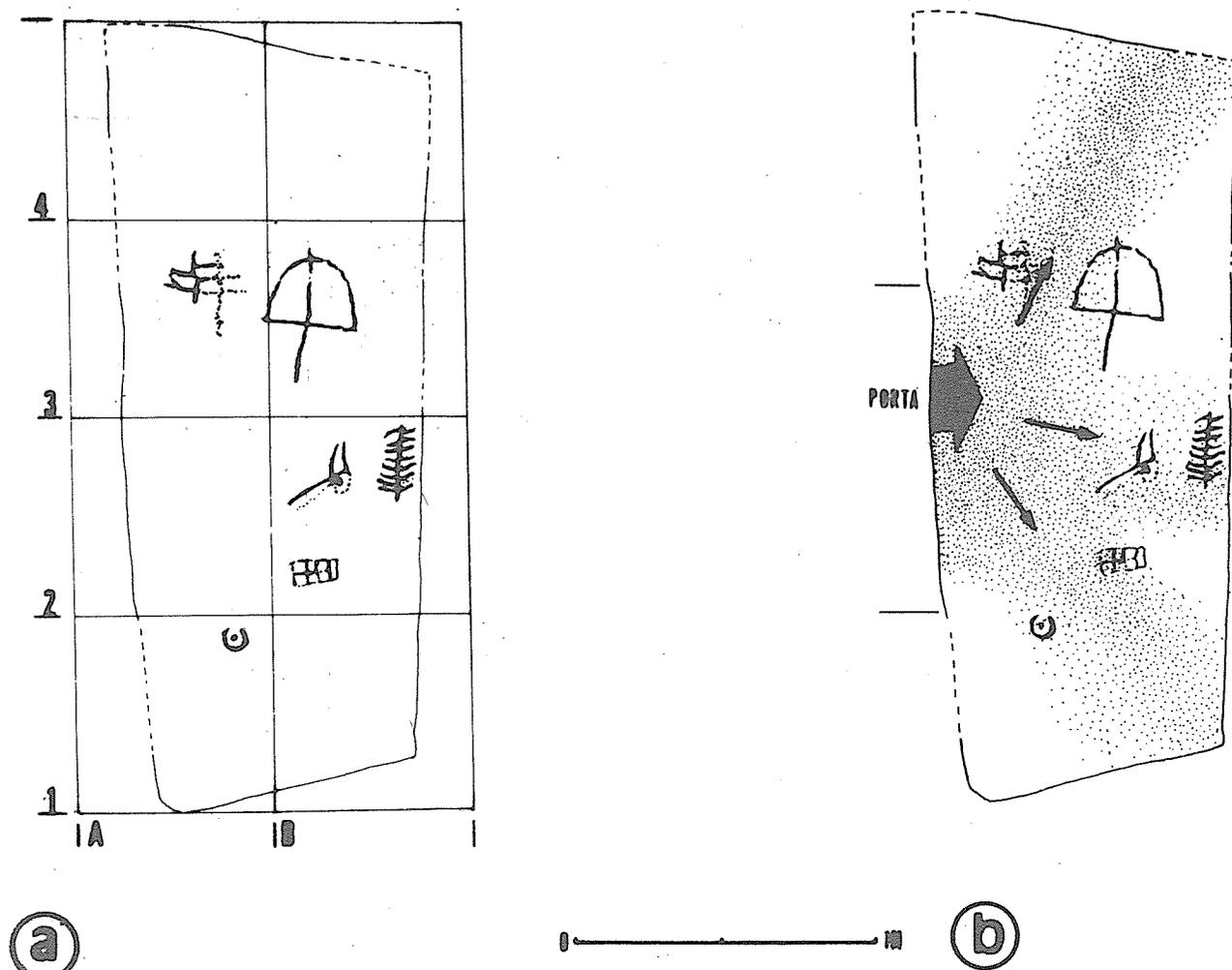


Fig. 2 — a. Laje de Vale de Juncal inserida num quadrilado, o qual serve de apoio à descrição que fazemos no texto. b. A mesma laje. As setas indicam os trajectos utilizados no acesso, a partir da porta da cozinha, ao pórtico e às escadas inferiores. O pontilhado mostra as zonas mais afectadas por essa passagem.

As patines e desgastes que, como já ficou claro, afectam de modos muito desiguais as diferentes zonas da rocha poderão criar-nos falsas percepções acerca da sequência das gravações efectuadas com esta técnica (tipo 2). Por essa razão, e embora intuamos que as gravuras feitas com a técnica 2 possam não ser exactamente contemporâneas umas das outras, optamos por as incluir num mesmo grupo.

A4 — Gravação e regravação de covinhas.

B4 — Gravação de novas covinhas, podendo ter desaparecido a sua maioria.

A3 — Gravação de novas covinhas e regravação de outras. Destaca-se a regravação de um motivo cuja *figura final* é similar, no seu conjunto, a um arboriforme de eixo quebrado, tal como indicámos atrás. A regravação afecta de modo mais claro o eixo central até à sua meia altura (até à zona onde a linha quebra), assim como as duas linhas paralelas do lado esquerdo. De destacar aqui que a regravação da linha horizontal inferior, além de ser parcial, pois afecta só a parte mais próxima do eixo vertical, flecte agora em ângulo em direcção à linha superior seguinte. Em nosso entender, *esta regravação* pode ter transformado o motivo inicial (possível arboriforme). Na sua forma final sobressai, pela regravação efectuada, uma figura constituída por um eixo vertical curto, prolongada para a esquerda por um motivo subtriangular, inscrita numa figura maior (de arboriforme?) mas menos marcada.

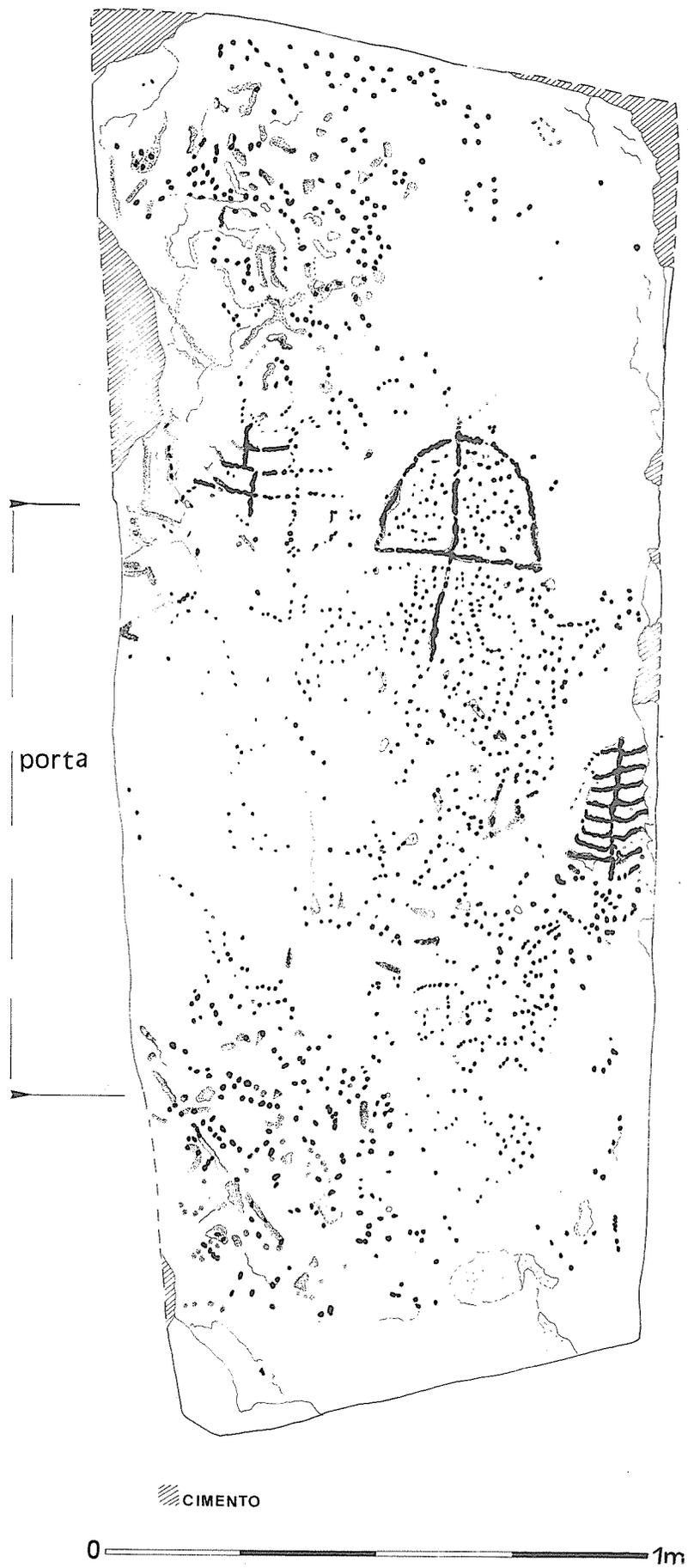


Fig. 3 — Laje de Vale de Jurical com as gravuras realizadas segundo a tecnica de gravacao ..

Ainda a parte superior do eixo do arboriforme foi regravada, mas essa regravação não atinge a linha perpendicular superior do lado esquerdo (de que temos estado a falar), desconectando-se assim aparentemente da possível figura criada abaixo.

B3 — O “antropomorfo/arco” foi regravado em vários sítios: na sua parte superior esquerda, no extremo direito da base e, de modo descontínuo, na parte do eixo que se situa no interior da figura e ainda na parte superior, exterior. Foi esta última regravação que prolongou para cima o eixo central; duas covinhas foram ainda acrescentadas do lado esquerdo do topo deste eixo. cremos que são estas regravações e acrescentamentos que fazem sugerir uma figura similar a um arco, aspecto que no momento de gravação anterior não possuía de modo tão sugestivo. É possível que tenham sido as regravações responsáveis pelos esboroamentos situados quer no lado direito, quer no lado esquerdo da figura.

Muito poucas covinhas vieram crescer o elevado número daquelas pré-existentes.

B2 — Nesta área da rocha foram aproveitadas algumas das covinhas pré-existentes, isto é, realizadas com a técnica que denominámos de 1, para compor duas novas figuras: uma possível alabarda e um motivo rectangular segmentado no seu interior.

“Alabarda” — Utilizando um alinhamento esparso de covinhas de tipo 1, foi gravado um sulco largo (entre 1,2 e 1,5 cm) e aproximadamente recto mediante a realização de novas covinhas profundas, mas provavelmente também através de um escavamento superficial da superfície<sup>12</sup>. O sulco poderia, ou não, ter sido regularizado por abrasão. As nossas dúvidas prendem-se aqui com o facto de quase todo o “cabo” se situar ainda numa zona de grande destruição provocada pelo acesso às escadas que descem para o pátio. As áreas mais afectadas pela passagem são naturalmente aquelas que também mais se sujeitam a lavagens profundas. A acção repetida de escovas duras pode ter tido o efeito abrasivo de que antes falámos.

A lâmina, delineada por dois sulcos oblíquos que partem da extremidade direita do eixo anterior (cabo), apresenta uma forma grosseiramente triangular pois estes dois sulcos não chegam realmente a unir-se em ângulo na sua extremidade distal. Integraram algumas covinhas de tipo 1, mas foram claramente obtidos por picotados de tipo 2, dispostos de forma contínua nuns locais e um pouco menos contínua noutros. Porém, os sulcos que formam a lâmina encontram-se perfeitamente definidos. Na parte superior da lâmina e na parte superior do cabo, a destruição operada pela passagem não apagou por completo as regravações.

Do lado oposto à lâmina, na zona do provável encabamento, define-se de forma muito nítida um semicírculo cujo centro é marcado por uma covinha de grandes dimensões e muito profunda (6 mm). O fundo desta covinha é irregular e mostra tratar-se de união de duas covinhas. Este semicírculo parece fazer ainda parte da figura ou arma representada pois do mesmo parte para baixo um alinhamento de pontos que, conjuntamente com aqueles pré-existentes, cria uma linha aproximadamente paralela ao cabo.

Se tentarmos comparar e/ou identificar esta figura com um protótipo metálico de alabarda, então o mais parecido seria o denominado de Carrapatos, localidade não muito distante de Vale de Juncal.

O arboriforme já existente foi regravado nalguns pontos, mas as principais gravações vão ocorrer no espaço que separa este da alabarda.

Na parte inferior do arboriforme e da alabarda são colocadas algumas covinhas, mas é ainda no seio da “nuvem” de pontos de tipo 1 que vai ser criada uma interessante figura rectangular, infelizmente situada numa zona de intensa passagem para o lado direito do pórtico.

Esta figura integra também algumas covinhas de tipo 1, mas a forma final que agora apresenta não corresponde ao seu primeiro traçado, senão vejamos.

Inicialmente desenhou-se um rectângulo de corpo segmentado por meio de uma linha horizontal, longitudinal, cortada perpendicularmente por duas, estas paralelas entre si e paralelas aos lados menores do rectângulo. É já numa fase de regravação que a figura é ampliada para a direita, embora a linha central do rectângulo não acompanhe esta ampliação. Aliás, a regravação também afecta fundamentalmente as linhas verticais, isto é, paralelas àquela que foi acrescida posteriormente.

<sup>12</sup> Como já tivemos oportunidade de frisar atrás, não foi possível distinguir se a parte inferior do sulco que forma o cabo tinha já sido gravado em momento anterior.

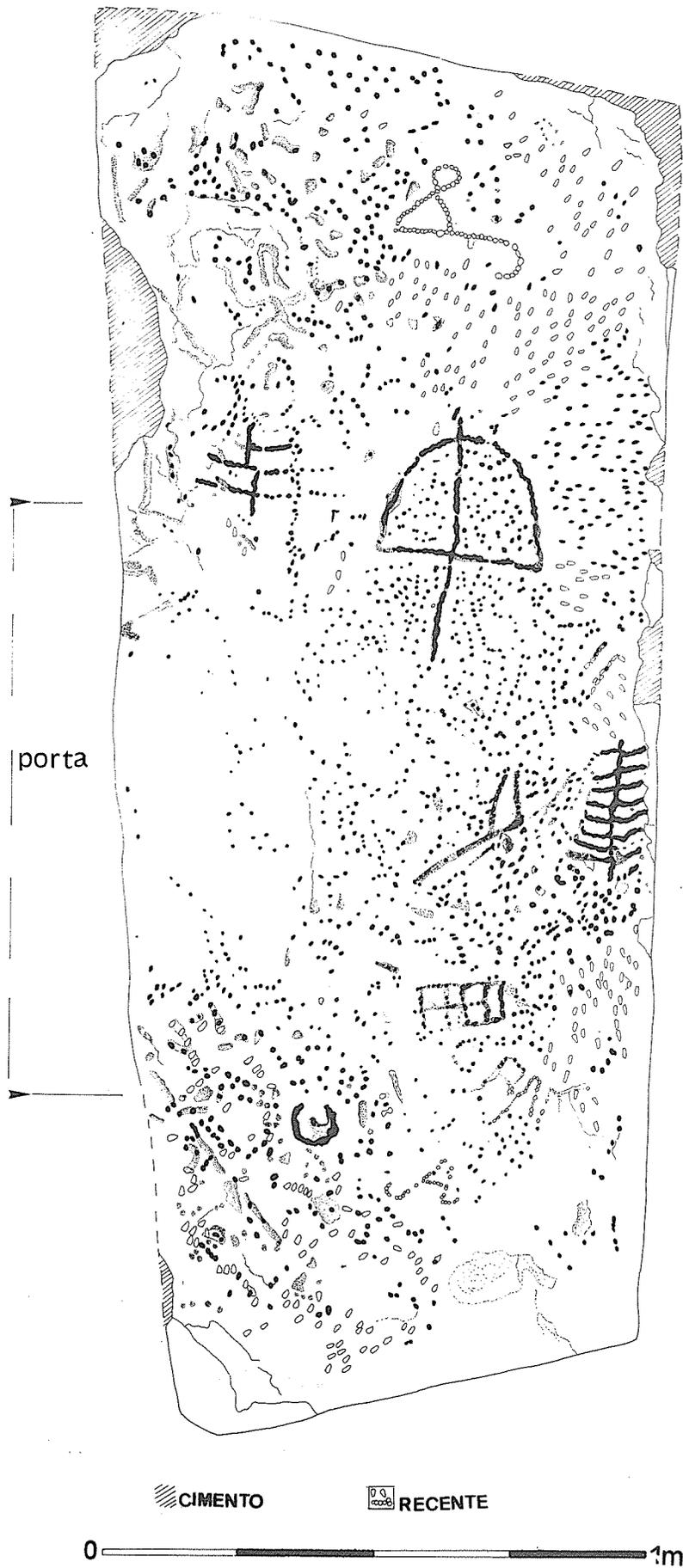


Fig. 4 — Laje de Vale de Juncal com as gravuras realizadas pela técnica 1 e 2. Marcam-se ainda as gravuras recentes.

Na parte inferior de B2, abaixo da figura rectangular já descrita, poderia ter existido outra figura, mas a gravação de letras ou simplesmente riscos nesta zona não permite tirar qualquer conclusão segura.

A2 — Na zona imediata à porta conservaram-se ainda algumas covinhas gravadas com a técnica 2.

Na parte inferior de A2 e A1 deparamos com um problema similar ao de A4. A maioria das covinhas anteriores (isto é, aquelas que é possível discernir pela técnica) foi sujeita a regravações profundas. Mas a figura subcircular aberta e provida de uma profunda covinha no centro que agora se pode observar nesta área, mesmo que já tenha sido criada, total ou parcialmente, pela técnica 1 (o que é impossível discernir com absoluta segurança), pertence indubitavelmente ao grupo de motivos criados com a técnica 2. É, com efeito, esta técnica, que lhe confere a sua aparência actual <sup>13</sup>.

Dimensões dos motivos descritos.

“Arboriforme” em A3: alt. total - 18 cm; larg. máxima - 2 cm. “Antropomorfo/Arco”: a altura total é igual ao comp. do eixo central - 45,2 cm; larg. - 32 cm; alt. do “arco” - 23 cm. Arboriforme em B2: alt. total - 26,5 cm; larg. máx. - 14,8 cm. Alabarda: comp. total - 26 cm. Lâmina: larg. da base - 6,8 cm; alt. - 11,6 cm. Figura rectangular: alt. 9,6 cm; larg. 17,5 cm. Figura subcircular: diâm. maior - 9,2 cm; diâm. menor - 8 cm.

A gravação de letras em B1 e B4 obedece a técnicas que não têm nada em comum com aquelas aqui descritas e podem corresponder a siglas ou marcas de canteiro, ou ainda à própria assinatura do proprietário.

Em B4 um grande “A” desenha-se nitidamente numa zona de passagem o que faz supor que a sua gravação foi muito mais profunda do que a dos restantes motivos. Parece nitidamente gravada com um instrumento metálico e estamos em crer que terá sido feito já após a colocação da pedra na zona contígua à soleira da porta. O mesmo deve ter acontecido com os inúmeros “picotados” alongados e de fundo em ângulo muito marcado, que cobrem quase todo o perímetro marginal da pedra onde (já?) não existia qualquer motivo anterior. A orientação e inclinação destes picotados indica-nos que o gravador se deslocou em torno da pedra já colocada no seu local actual, usando o instrumento gravador num movimento direccionado do centro da pedra para a sua periferia. Na zona imediata à porta — na parte superior de A1 e inferior de A2 — e como a pedra já se encontrava colocada, foi gravada esta zona estando o gravador sobre a laje e virado de frente para a porta.

Em B1 (e parte inferior de B2), encontram-se outras letras: um “A” com a mesma configuração do de B4, mas mais pequeno e com um traço menos fundo e mais descontínuo. Percebe-se a tentativa de desenhar, acima desta e com a mesma técnica, outras letras que é impossível identificar correctamente.

## B.2. Descrição da laje (2)

### 1. Dimensões e estado de conservação.

Esta laje tem também forma sub-rectangular. Como está inserida no piso da casa e ainda parcialmente coberta de cimento nas suas extremidades, tal como a anterior, as medidas que se seguem são aproximadas (por defeito) altura - 1,70 m; largura - 80 cm; espessura - 17 cm; matéria-prima — xisto-quartzítico negro, com intrusões de xisto mais amarelado.

Estado de conservação - apresenta a superfície inferior mais polida e gasta pelo uso (nas zonas de passagem regular) do que a superior, onde se encontram as covinhas gravadas.

### 2. Descrição das gravuras.

Consistem em covinhas gravadas pela técnica 1 e são similares às da laje 1. Também aqui existem outros picotados mais recentes, feitos com pico metálico, tal como se vê no desenho.

Estas picotados só afectam uma parte limitada da parte superior da laje e não definem qualquer motivo reconhecível ou identificável.

<sup>13</sup> Embora tenham sido sujeitas a regravações recentes.

### C. Alguns comentários relativos à Laje de Vale de Juncal (laje 1) e suas gravuras

1. O maior problema na interpretação desta laje reside no contexto de origem que, como expusemos extensamente, permanece realmente desconhecido. A casa foi construída há longa data, e se a ela se ligaram memórias de outros tempos, naquilo que nos interessa investigar, já se apagaram irremediavelmente<sup>14</sup>.

Deste modo abordaremos a laje de Vale de Juncal como um documento arqueológico de contexto incerto, embora possamos fazer alguns comentários relativos à sua possível articulação com a arte dos dólmenes, ou mesmo a uma eventual utilização primária como esteio de uma das antas da margem esquerda do rio Tuela, em Vale de Juncal.

2. Cremos ser metodologicamente mais coerente ignorar por ora as gravuras feitas em época recente, e abordar as mais antigas como realizadas em dois momentos, ou, pelo menos, com duas técnicas, como procedemos aquando da descrição.

As “patines” e a passagem permanente não permitem discernir, repetimos, se aquelas duas técnicas de gravação utilizadas, correspondem ou não a uma escolha intencional, materializada em momentos sequentes do mesmo tempo histórico, ou a gravações operadas em tempos distintos.

Em qualquer das hipóteses a técnica 2 é posterior à 1 pois as sobreposições de covinhas ocorrem em múltiplas situações e as regravações *detectadas* foram sempre realizadas com a técnica 2.

Também se torna pertinente anotar que se a laje de Vale de Juncal não fazia parte de um monumento megalítico, e foi talhada de um afloramento gravado, aquilo que agora vemos apresenta contornos perfeitamente arbitrários e, nesse caso, não será mais do que um fragmento, maior ou menor, de uma unidade maior inexoravelmente destruída.

Tendo em mente que qualquer que tenha sido o contexto inicial, a posição relativa das figuras não sofreu alterações, parece-nos lícito abordar as figuras, os picotados simples e os espaços não gravados, *como uma unidade relativa*.

3.1. Se atendermos à concepção global da “composição” realizada pela técnica 1, verificamos que se demarca, pelo tamanho (e posição relativa), o “antropomorfo/arco”. Este permanece sempre como a figura mais imponente de toda a laje.

O arboriforme antropomorfizado é também uma figura bem delineada e, embora de pequenas dimensões, demarca-se bem do “crivo” de pontos que a envolvem.

São estas duas figuras bem marcadas e ainda aquele arboriforme de A3 que parecem ditar, pela posição e concordância do seu eixo, a própria posição do observador.

O motivo “nuvem” ou “nuvens de pontos”, que pode ter invadido toda a superfície da laje mas que com certeza sempre se apresentou de forma mais densa no espaço que se estende do arco à parte inferior do arboriforme, vem cumulativamente evidenciar este espaço.

3.2. As figuras traçadas com a técnica 2 vêm agora alargar e, mesmo, acentuar este espaço pela regravação tanto do arboriforme de eixo quebrado como do “antropomorfo/arco”. A regravação desta última figura, no topo superior do eixo central, é que nos permite sugerir que se trate, alternativa ou cumulativamente, de um arco. Ao lado do arboriforme antropomorfizado é delineada uma alabarda e, um pouco abaixo, um motivo sub-rectangular. Para a esquerda e para baixo desta figura encontra-se um círculo aberto (que pode ter resultado exclusivamente de regravações posteriores), o qual vem prolongar para o canto inferior esquerdo da laje o espaço que estamos a caracterizar como mais denso e eventualmente mais importante do ponto de vista simbólico.

No entanto, acabado este segundo momento de gravação, o “antropomorfo/arco” permanece, repetimos, como a figura paradigmática da “composição”.

<sup>14</sup> Por isso nos surpreende realmente aquela “memória”: “... diz-se que as pedras vieram do sítio do Prado Santo, outros dizem que vieram do das Antas...” da parte de pessoas que desconheciam que os vestígios ainda existentes de dólmenes e mamoaos nesses locais tinham algo a ver com o passado. Para eles não eram mais do que pedras fincadas, similares às que se utilizam como marcos de propriedades. Sabiam, contudo, que no sítio do Prado Santo existia um cemitério, pois no decurso do cultivo do terreno contíguo ao dólmen, o Sr. Clemente encontrou várias sepulturas medievais intactas, cavadas nas argilas xistosas e duras do solo, ladeadas (e cobertas) de “lousas” e “telhas”. Ainda se pode ver uma destas sepulturas já aberta. Revelou-se também inglória a tarefa de percorrer os vários volumes das “Memórias” do Abade de Baçal em busca de informações relativas quer às antas ou dólmenes, quer à construção desta casa tão peculiar (mas não brasonada).

**4.1.** Tendo sempre presentes as reticências relativas ao contexto de origem e à própria leitura da iconografia da laje, cremos ser possível procurar uma inserção cronológica e cultural, ainda que alargada, quer para a “composição” (que pode estar amputada), quer para o grupo de motivos gravados que, como é claro, são todos conhecidos da(s) denominada (s) arte(s) esquemática(s) da Pré-história recente da Península Ibérica.

Começamos pelo conjunto realizado com a técnica 1 — “antropomorfo/arco” e arboriforme(s) inseridos num alargado espaço todo crivado de pontos.

Cremos que o motivo que denominamos de “antropomorfo (em *fi*)/arco”, aquele que mais se destaca adentro de todo o conjunto compositivo, *pode ter funcionado como uma figura ambivalente*, a nível *iconográfico* (do significante, da representação gráfica e mental), *mas também semântico* (da representação simbólica). Como figura em *fi* insere-se num modelo mais ou menos standardizado dessas representações na Pré-história recente e julgamos que *este poderá ter sido o seu sentido dominante na fase de gravação com a técnica 1*, onde uma única covinha funda se destaca, fora do semicírculo da parte superior da figura, no topo do eixo vertical. Com a técnica 2 foi acrescentado este eixo central e ao lado do topo superior deste, desenhado um pequeno sulco (constituído por duas covinhas tangentes entre si), o qual “poderia” querer indicar uma ponta de arremesso. Neste “momento” de gravação a figura adquire uma configuração mais parecida a um arco.

Dada esta ambivalência, na abordagem que se segue daremos o mesmo destaque à interpretação da figura como antropomorfo em *fi* ou como arco.

Quer em termos temáticos, quer compositivos, o conjunto — “antropomorfo(/arco)-arboriforme(s) — lembra “procedimentos” da *pintura esquemática*. Nesta, frequentemente entre “nuvens de pontos” que por vezes cobrem largas superfícies do painel (ou podem constituir mesmo o único tema), encontram-se figuras esquemáticas, sempre de tamanho reduzido, onde as representações de antropomorfos em *fi* são correntes mas as de arcos são praticamente inexistentes<sup>15</sup>. Quanto aos arboriformes, embora mais frequentes que as figuras de arcos, subsistem sempre como os motivos menos representados. Surgem porém, em alguns casos *associados no mesmo painel ou no mesmo abrigo, a figuras antropomórficas mais ou menos esquematizadas, sendo estas últimas frequentemente em fi grego*. Conhecemos esta presença conjunta no abrigo 3 do Regato das Bouças, na próxima Serra de Passos (Passos, Mirandela) onde aparecem vários arboriformes e muitas figuras que podemos interpretar como antropomórficas, derivadas da representação em *fi* (o eixo vertical não se prolonga para baixo); no abrigo 8 também surgem arboriformes mas sem associação a antropomorfos<sup>16</sup>. O abrigo, também não muito distante, de Pala Pinta (Carlão, Alijó) ostenta um arboriforme (ou provavelmente 2) que se encontra no mesmo painel de uma figura em *fi*, esta associada a um motivo estelar<sup>17</sup>. Ainda o painel 2 do abrigo da Fonte Santa (Freixo de Espada-à-Cinta) possui uma destas figuras em arboriforme, embora as representações antropomórficas (figurações esquemáticas ou seminaturalistas) se encontrem somente nos painéis 1 e 3<sup>18</sup>.

De qualquer modo, o arboriforme (“antropomorfizado” ou não) permanece como um motivo “genuíno” da pintura esquemática (em abrigo ou paredão rochoso)<sup>19</sup>, embora trabalhos de investigação mais recentes mostrem que embora raro, também começa a aparecer mais representado em dólmenes.

<sup>15</sup> Com efeito, em toda a pintura esquemática peninsular publicada, as representações de arcos inserem-se sempre em cenas de carácter cinegético, mais propriamente “cenas” de caça ao veado, mas devem ser tão raras que nós só encontramos 5 casos: Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira), Canchal de las Cabras Pintadas (La Alberca, Salamanca), Tajo de las Figuras (Casas Viejas, Cádiz), Cogul (Lérida), Puerto de Malas Cabras (Almendralejo, Badajoz). JORGE, V. O. *et alii* (1988), O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d’Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) — Notícia Preliminar, *Arqueologia*, 18, GEAP, Porto; GRANDE DEL BRIO, R. (1987), *La Pintura Rupestre Esquemática en el Centro-Oeste de Espanha (Salamanca y Zamora)*, Ed. de la Dip. de Salamanca, Salamanca; PILAR ACOSTA (1968), *La Pintura Rupestre Esquemática en España*, Mem. del Sem. de Prehistoria y Arqueología, 1, Salamanca.

<sup>16</sup> SANCHES, M. J. (1990), Os abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos — Mirandela, no conjunto da arte rupestre desta região. Algumas reflexões, *Revista da Fac. de Letras — História*, II.ª série, VII, Porto.

<sup>17</sup> SOUSA, O. (1989), O abrigo de arte rupestre da Pala Pinta — Alijó, *Trab. de Antropol. e Etnolog.*, 29, SPAE, Porto.

<sup>18</sup> Comunicação apresentada por Miguel Rodrigues, Nelson Rebanda e Orlando Sousa no II Colóquio Arqueológico de Viseu, 1990, com o título “As pinturas rupestres da Fonte Santa, Lagoaça — Freixo de Espada-à-Cinta”.

<sup>19</sup> Variada bibliografia sobre este tema dá conta do que afirmamos. Ver, por ex., GRANDE DEL BRIO, R. (1987), *La Pintura Rupestre Esquemática en el Centro-Oeste de Espanha (Salamanca y Zamora)*, Ed. de la Dip. de Salamanca, Salamanca; PILAR ACOSTA (1968), *La Pintura Rupestre Esquemática en España*, Mem. del Sem. de Prehistoria y Arqueología, 1, Salamanca.

São conhecidos, desde há longa data, os casos da laje de cabeceira do dólmen de Chão Redondo 2 (gravura) (Talhadas, Sever do Vouga)<sup>20</sup>, e aquele gravado numa das grandes lajes do corredor do dólmen de Cubilejo de la Lara de los Infantes (Burgos) onde aliás se integra numa composição característica da pintura esquemática peninsular, ao incluir animais e outras figuras esquemáticas de carácter predominantemente estático<sup>21</sup>. Na laje de cabeceira do dólmen de Portillo de las Cortes (Guadalajara) foi recentemente identificado também um ramiforme ou arboriforme gravado<sup>22</sup>, mas maior destaque *merece a associação deste a um antropomorfo em fi* no esteio 4 da câmara do sepulcro de corredor de Magacela (Badajoz)<sup>23</sup>.

Por vezes esta associação é tão paradigmática que um mesmo motivo acumula ou sintetiza ambas as figuras — um arboriforme constituído na sua parte inferior por um figura em *fi* e vice-versa — como se constata no abrigo II del Peñon de las Juntas, em Almeria.

Por sinal, a figura mais proeminente desta laje de Vale de Juncal é o antropomorfo em *fi* e/ou arco.

Debrucemo-nos em primeiro lugar sobre as figurações em *fi* grego, simples ou duplo.

Em contexto dolménico, além daquele referido acima de Magacela, em Badajoz, há a anotar ainda *uma figura em fi dupla, que por sinal apresenta um certo "ar" de arboriforme*, no esteio 9 da tholos de Granja de Toniñuelo (também em Badajoz), onde se associa a figuras estelares, círculos, um deles interrompido, e a uma linha de pontos (cavinhas)<sup>24</sup>. Embora associado a outros tipos de antropomorfos, também se encontra figura em *fi* no dólmen 4 de Los Gabrieles (Valverde del Camiño-Huelva)<sup>25</sup>. Curiosamente, em dólmenes geograficamente mais próximos da bacia de Mirandela (Centro e Norte de Portugal/Galiza), embora surja uma iconografia bastante variada, que inclui antropomorfos de configuração diversa — os quais adquirem por vezes uma posição tão dominante que chegam como que a "corporizar" ou assimilar toda a superfície de um esteio, como no dólmen de Afife (Eireira-Viana do Castelo)<sup>26</sup> —, as figuras em *fi* parecem-nos quase ausentes. Conhecemos unicamente uma que integra uma composição de ar bastante barroco ou "cerrado", na laje de cabeceira da mamoa 1 de Chão do Brinco (Cinfães)<sup>27</sup>. Porém, aqui parece ter uma importância menor na laje, a qual é encimada por uma complexa figura estelar ou solar, da qual partem várias linhas serpentiformes que envolvem e se ligam, já na parte média da superfície gravada, à figura em *fi*. Esta parece ligar-se ainda, por meio de uma linha ondulada, a outro antropomorfo esquemático, mas de tipologia diferente.

No que se refere à arte gravada de ar livre, é predominantemente no interior norte do país (Trás-os-Montes, Minho interior e Beira Alta) que figuras antropomorfas em *fi*, *com maior ou menor número de atributos adicionais* (braços em asa, "emplumados", etc.) estão presentes na maioria dos conjuntos gravados conhecidos, onde chegam por vezes a constituir, pela repetição, o motivo principal ou um dos motivos principais. É o que acontece nos conjuntos do Gião 1 (Arcos de Valdevez), Tripe e Outeiro do Salto (Chaves)<sup>28</sup> ou Murancho (Parambos-Carrazeda de Ansiães) e Castro da Cigadonha (Torre de

<sup>20</sup> Mas no seio de uma composição que nada tem a ver com esta.

<sup>21</sup> A não ser nos casos onde apresentamos bibliografia específica, todas as anotações relativas à arte megalítica referem-se à obra: SHEE TWOHIG, E. (1981), *The Megalithic Art of Western Iberia*, Clarendon Press, Oxford. Os dois arboriformes muito alongados e pintados no esteio C1 do dólmen da Pedralta (Viseu) afastam-se graficamente muito dos de Vale de Juncal.

<sup>22</sup> Agradecemos esta informação inédita a P. Bueno, pois os textos que a seguir referimos ainda se encontram em publicação (no prelo). BUENO, P. e BALBIN, R. de, *El arte megalítico como factor de análisis arqueológico: el caso de la Meseta española, VI Colóquio Hispano-Ruso de Historia*, Fundación Banesto, Madrid, 1992; BUENO, P. *et alii*, *Nuevos hallazgos de arte megalítico en la provincia de Guadalajara: Portillo de las Cortes (Aguilar de Anguita)*. Wad-al-Hayara.

<sup>23</sup> BUENO, P. e BALBIN, R. de (1992), *L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble*, *L'Anthropologie*, IV, Paris; BUENO, P. e PIÑÓN VARELA, F. (1985), *Los grabados del sepulcro megalítico de Magacela (Badajoz)*, *Series de Arqueología Extremeña*, 1, Cáceres.

<sup>24</sup> Cf. nota 23.

<sup>25</sup> Cf. nota 23; BUENO, P., e PIÑÓN VARELA, F., *Los grabados del nucleo dolmenico de los Gabrieles (Valverde del Camino-Huelva)*, *Hom. al Prof. Martin Almagro Basch*, 1.

<sup>26</sup> SILVA, E. J. L. (1988) A mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação, *Trab. de Antropol. e Etnolog.*, 28, 1-2, SPAE, Porto. Trata-se de um interessante e grande monumento com câmara e corredor indiferenciado, onde vários esteios estão decorados com pintura e/ou gravura. A gravura a que nos referimos encontra-se na capa do referido volume de *Trab. de Antropologia*.

<sup>27</sup> SILVA, E. J. L. (1990) Escavação do núcleo megalítico de Chão do Brinco, Serra do Montemuro-Cinfães, *Actas do II Col. Arq. de Viseu* (26-29 Abril, 1990) (no prelo). Trata-se de um dólmen com provável corredor.

<sup>28</sup> BAPTISTA, A. M. (1984-84), *Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva*, *Portugália*, n/s, 4-5, IAPLUP, Porto.

Moncorvo)<sup>29</sup>, para só referir aqueles onde as figuras em *fi* estão representadas na sua expressão mais simples. O caso da Cigadonha é bastante interessante pois aí 3 figuras em *fi* entram na composição de um motivo mais complexo, de carácter antropomórfico.

Como arco a figura em causa possui menos paralelos nas artes do pós-glaciar da P. Ibérica<sup>30</sup>.

As raras figuras de arcos pintados em dólmenes — como em Juncais (esteio C1, dois arcos), ou Lubagueira 4 (esteio L 6, um arco) —, caracterizam-se por serem de pequeno tamanho e darem corpo a acções de arremesso pois são seguros na mão por arqueiros, estes desenhados com um relativo esboço de movimento (particularmente em Juncais).

Numa representação esquemática de uma “cena de caça” gravada presente no Grande Painel, ou painel XXV da Galeria del Sílex de Atapuerca (gruta)-Burgos, estamos perante uma representação similar (cena de caça com arco), embora de cariz mais estático<sup>31</sup>.

As figurações de arcos aludidas acima referem-se todas a contextos funerários<sup>32</sup>, embora na cena de caça ao veado de Fraga d’Aia, onde o arco se reduz a um traço encurvado, o contexto pareça ser de carácter habitacional<sup>33</sup>.

Arcos de grandes dimensões e com o estatismo que apresenta em Vale de Juncal, só se conhecem, gravadas por abrasão, na Pedra Letreira-Góis. Três arcos, dos quais dois providos da respectiva seta, estas sempre desproporcionadamente grandes relativamente ao respectivo arco, espalham-se pela rocha entre figuras sub-rectangulares, poligonais e triangulares muito diversificadas. Segundo Castro Nunes, esta composição integra também o desenho de “numerosas alabardas”, mas cremos que as grandes figuras triangulares com o eixo central marcado por um risco, a que se refere aquele arqueólogo, apresentam uma configuração tão simples e tão desprovida de outros “adereços” (como por ex. o cabo) que podem identificar-se arqueologicamente ou etnograficamente com qualquer objecto — utensílio, arma, ou mesmo símbolo — de configuração geral triangular. Aliás, as suas dimensões não se afastam muito daquelas figuras que podemos indubitavelmente interpretar como pontas de seta<sup>34</sup>.

Em Puerto del Gamu (Placência-Cáceres) existe um afloramento de xisto similar à Pedra Letreira, com representação de um arco e respectiva seta, mas de que não conhecemos levantamento pormenorizado. Como Puerto del Gamu (e aliás como a Pedra Letreira) parece integrar-se num conjunto de representações rupestres de ar livre do Centro e Norte do país e da Galiza onde figuram armas (modelos metálicos) diversificadas — punhais, alabardas, etc. —, também presentes em Vale de Juncal, serão objecto de comentários um pouco adiante.

**4.2.** A dimensão e definição que apresentam os arcos da Pedra Letreira e o de Vale de Juncal, permitem paralelos com aqueles representados em estelas e estátuas-menires da metade ocidental da P. Ibérica.

O monólito antropomorfizado<sup>35</sup> de Longroiva-Meda (apelidado ora de estela-ídolo, ora de estela-menir, ora ainda de estátua-menir, dado que apresenta a cabeça toscamente delimitada do resto do corpo), bem conhecido do meio arqueológico, é o exemplo paradigmático da configuração de uma entidade guerreira onde o arco, de grandes dimensões e pendurado do lado esquerdo do “corpo” da

<sup>29</sup> SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1940) Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, I.

<sup>30</sup> A chamada arte do Levante constitui uma clara excepção sob todos os pontos de vista pois rara é a cena que não possua várias representações de arcos de tipologia diversificada e de plasticidade muito dinâmica. Aqui é clara a valorização do arco, quer como instrumento de caça, quer como arma primacial de confronto entre diferentes grupos, ainda que se trate de cenas de elevada carga simbólica. Ver, por ex., BELTRÁN, A. de (1982), *De Caçadores a Pastores. El Arte Rupestre del Levante Español*, Ed. Encuentro, Madrid.

<sup>31</sup> APELLANIZ CASTROVIEJO, J. M. e URIBARRI ANGULO, J. L. (1976), *El Santuário de la Galeria del Sílex*, Estudios sobre Atapuerca (Burgos), I, Cuad. de Arqueología de Deusto, Univ. de Deusto, Burgos.

<sup>32</sup> Não estamos a falar, evidentemente, da arte do Levante.

<sup>33</sup> JORGE, V. O. *et alii* (1988), A Fraga d’Aia (Paredes da Beira-S. João da Pesqueira) — arte rupestre e ocupação pré-histórica, *Trab. de Antropol. e Etnolog.*, 28, 1-2, SPAE, Porto; JORGE, V. O. (1991), Novos dados sobre a Fraga d’Aia (Paredes da Beira-S. João da Pesqueira), *Trab. de Antropol. e Etnolog.*, 31, 1-4, SPAE, Porto.

<sup>34</sup> NUNES, J. C. *et alii* (1958), *A Pedra Letreira*, Public. da Cãm. Municipal de Góis. Também a Rocha Grande de Molelinhos (Tondela-Viseu), gravada por abrasão, inclui na sua fase mais antiga, figuras similares a estas, de contorno triangular e interpretadas como punhais.

<sup>35</sup> Segundo a denominação de Vítor O. JORGE e Susana O. JORGE (1990), *Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal*, *Revista da Fac. de Letras-História*, II.ª série, VII, Porto.

personagem, faz parte da panóplia de armas que o “guerreiro” ostenta: um arco, um punhal triangular longo e uma alabarda encabada (de tipo Carrapatas)<sup>36</sup>.

Se atendermos agora na aposição (ou simplesmente criação) de uma alabarda de “tipo Carrapatas” (e de uma figura sub-rectangular — “reticulado”), entramos num mundo diversificado de manifestações artísticas, cuja cronologia e filiação cultural apresenta contornos que é possível circunscrever de modo mais estreito.

Creemos ser importante referir em primeiro lugar aquelas “manifestações” que não tendo sido concebidas originalmente com alabardas, estas lhe foram apostas posteriormente, (o que também parece ter acontecido em Vale de Juncal), procedimento que pode indicar alterações no contexto ideológico e cultural inicial. Referimo-nos particularmente à estela antropomorfa de Agallas (Salamanca), onde uma alabarda de tipo Carrapatas foi gravada por meio de um traço filiforme numa fractura da rocha mas sobre o braço da personagem primitiva<sup>37</sup>. As estelas de Los Santos (Salamanca) e mesmo Hernan Perez VI (Cáceres), segundo estudos recentes de P. Bueno, seriam providas também de alabardas de folha triangular (de tipo “Carrapatas”), sempre definidas graficamente segundo uma técnica distinta das restantes gravuras<sup>38</sup>.

Trata-se de estelas antropomorfas diferentes entre si na articulação global da figura e do bloco-suporte<sup>39</sup>, mas não nos atributos que as caracterizam pois segundo P. Bueno inserem-se as três no grupo de estelas antropomorfas estremenhas. Segundo a mesma investigadora, as origens desta estatuária relaciona-se estreitamente, tanto em termos cronológicos como conceptuais, com a arte esquemática peninsular em geral, presente quer nos esteios dos monumentos megalíticos, quer em abrigos ou rochas de ar livre, quer ainda noutras manifestações, como placas decoradas, ídolos ou estelas que a investigação mais recente no domínio do megalitismo tem vindo a revelar<sup>40</sup>.

**4.3.** Embora o nosso problema não diga directamente respeito às estelas e estátuas-menires, estamos de acordo com P. Bueno no que se refere à não diferenciação cabal entre a arte presente nos esteios dos dólmenes (ou mesmo em objectos aí depositos) e às diferentes manifestações artísticas de ar livre, tal como expusemos em artigo recente<sup>41</sup>.

A arte dolménica não é uniforme, tal como o não são as arquitecturas e os espólios aí depositos. Se nalguns dólmenes decorados os motivos se organizam de um modo muito particular (como Pedra Coberta, Antelas, Pedralta) ou mesmo se existem figuras exclusivamente “megalíticas”, isto é, que não se encontram noutras artes duráveis da Pré-história recente — como o motivo “pele esticada de animal” ou aquele vulgarmente conhecido por “the thing” — isto não basta, em nossa opinião, à distinção estilística e conceptual clara da arte megalítica relativamente às restantes manifestações deste período.

<sup>36</sup> Desconhece-se o contexto exacto deste monólito, que apareceu tombado na zona sedimentar de um ribeiro afluente do rio Côa. Originalmente deveria estar fincado verticalmente no solo, mas apoiado ou encostado a algo que o ajudasse a manter-se erguido pois o bloco dispõe de uma área inferior, não gravada, bastante reduzida. Nas impropriamente denominadas estelas de tipo I ou alentejano (pois, segundo M. V. Gomes e J. P. Monteiro, tratar-se-á de tampas de sepulturas), arcos de grandes dimensões surgem em Assento (St.<sup>a</sup> Vitória-Beja) e Santa Vitória, acompanhados de um conjunto padronizado de armas, onde se destaca também uma alabarda em Assento. Porém, segundo aqueles autores, o valor conceptual máximo destas representações reside na associação do ancoriforme/espada, sendo os arcos e a alabarda secundários ou marginais àqueles. Estas tampas são datadas por M. V. Gomes e J. P. Monteiro de um período compreendido entre o final do séc. XIII e o início do séc. IX a.C. GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1976-77), As estelas decoradas da herdade de Pomar (Ervidel-Beja) — Estudo comparado, *Setúbal Arqueológica*, 2-3, Museu de Arq. e Etnolog. de Setúbal, Setúbal. Não se nos afigura importante desenvolver aqui este tema, que teria obrigatoriamente de referir outras estelas armadas como as do Sudoeste, pois parece-nos que estamos perante “mundos” conceptuais e figurativos distintos e separados espacial e cronologicamente.

<sup>37</sup> SEVILLANO JOSÉ, M. C. (1991), Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y estremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca, *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, Junta de Cast. y León, Salamanca.

<sup>38</sup> BUENO RAMIREZ, P. (1990), Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique, *L'Anthropologie*, 94,1 Paris; *Idem* (1991), Estatuas menhir y estelas antropomorfas en la Península Ibérica. La situación cultural de los ejemplares salmantinos, *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, Junta de Cast. y León, Salamanca. *Idem* (1992), L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble, *L'Anthropologie*, IV, Paris.

<sup>39</sup> Pois em Agallas e Los Santos a figura da personagem tende a identificar-se com a totalidade da pedra, isto é, a ter uma concepção tridimensional.

<sup>40</sup> Cf. nota 38. Vítor O. Jorge e Susana O. Jorge também parecem partilhar da mesma opinião no que se refere às representações escultóricas mais antigas exumadas em contextos megalíticos. Cf. nota 35.

<sup>41</sup> Cf. nota 16.

A decoração dos esteios organiza-se segundo linhas muito diversas e insere frequentemente motivos comuns a outras artes (e comuns a objectos exumados em contextos habitacionais): figuras solares ou estelares, círculos simples, interrompidos ou não, arboriformes, figuras rectangulares, zoomorfos, antropomorfos, linhas onduladas ou sinuosas, figurações "oculadas".

Ainda em termos cronológicos, e atendendo simultaneamente às datas absolutas existentes para dólmenes decorados (em Portugal e Espanha) que, por sinal apresentam sempre plantas "evoluídas" e, cumulativamente, para dólmenes providos de grandes câmaras e/ou corredores desenvolvidos, podemos estabelecer, como outros autores têm anotado, o grande desenvolvimento da arte dos dólmenes no III mil. a. C. A reutilização dos dólmenes ou simplesmente das suas mamoadas no início do II mil. a. C. também pode ter implicado a realização de novas pinturas ou gravuras.

Esta é também a cronologia geralmente proposta para a arte dos abrigos e para a arte de ar livre, embora esta última conheça, em muitos casos, prolongamentos cronológicos que vão até ao Bronze Final ou a épocas mais recentes.

Deste modo aceitamos a denominação de "arte megalítica" para toda a arte realizada nos ortóstatos dos dólmenes, isto é, sem lhe conferirmos por ora, outra unidade além desta, o que, aliás, os estudos arqueológicos mais recentes têm vindo confirmar.

Não queremos, porém, agrupar todas as artes da Pré-história recente numa espécie de "saco sem fundo", o que por certo não é admitido pelas características próprias de cada manifestação. Uma vez que se supõem, de um modo geral, sobreposições cronológicas (nesta matéria os contornos cronológicos são sempre difíceis de estabelecer), espaciais e temáticas, e atendendo a que há objectos, votivos ou não, que percorrem contextos culturais distintos particularmente na 2.<sup>a</sup> metade do III mil. e inícios do II, seria lícito encetar o estudo das manifestações artísticas e simbólicas na ignorância de fronteiras arbitrárias, como nos parece terem sido aquelas que têm afastado as manifestações da arte dos dólmenes das restantes artes. Isto naturalmente sem prejuízo de outras "démarches" ou vias de investigação já em desenvolvimento, que colocam a tónica no contexto, e sem as quais não existiria, evidentemente, investigação arqueológica digna desse nome. Tratando-se de sociedades marcadas pela oralidade, o contexto revelar-se-á de importância capital no entendimento de mensagens ou ideias implícitas, residentes na memória, mas cujo controlo está permanentemente sujeito às circunstâncias históricas — económicas, sociais e rituais — do grupo em questão.

Todavia, parece-nos que as formas ou figuras iguais ou idênticas presentes na arte pré-histórica de regiões não demasiado distanciadas entre si e cuja cronologia podemos estabelecer por aproximação, supõem relações entre os respectivos grupos pré-históricos. Embora as formas gráficas, que enunciam acções mágicas, mitos, divindades particulares, etc., possam sofrer, em maior ou menor grau, alterações gráficas ou semânticas quer de grupo para grupo, quer ao longo do tempo, *nelas permanece o poder de comunicação entre comunidades, materializada numa ou em várias formas gráficas definidas*. O mesmo pode ocorrer, evidentemente, com artefactos cuja forma e/ou decoração impliquem um determinado valor semântico.

Essa comunicação ou "identidade" em sentido lato, implica a existência de testemunhas que confirmem essa possibilidade de intercâmbio, estabelecida pela participação comum em mundos simbólicos afins.

Abordando assim a arte pré-histórica também como um meio de comunicação (e de identificação) entre comunidades marcadas pela oralidade e pela memória, mais lícita se nos afigura a tentativa de reconstituição, em primeiro lugar, e de comparação, em segundo, de discursos gráficos patentes em diferentes contextos arqueológicos, cuja cronologia se possa estabelecer.

**4.4.** A pedra de Vale de Juncal, quer tenha feito parte de um monumento megalítico, quer seja somente um bloco retirado de um afloramento gravado, apresenta uma iconografia gravada pela técnica 1, comum à pintura e gravura esquemática presente em abrigos, rochas de ar livre e dólmenes, cuja cronologia percorre um alargado período que vai do início do III ao início do II mil. a.C.

A gravação de uma alabarda, de uma figura rectangular e ainda a leve modificação operada na figura central — antropomorfo e/ou arco — com outra técnica pode corresponder, ora a um recurso estilístico, ora a uma cronologia posterior<sup>42</sup>. Na segunda hipótese, se se tratar de um monumento

<sup>42</sup> A mesma hipótese coloca P. Bueno na gravação das alabardas encabadas das estelas de Los Santos e Hernan Perez VI (cf. nota 38) pois parece claro que na de Agallas a alabarda é nitidamente posterior (cf. nota 37).

megalítico, esta gravação implica que o monumento se encontrava aberto ou que foi aberto por volta do início do II mil. a. C. — que é a cronologia geralmente admitida para as alabardas de tipo “Carrapatas” —, tendo sido a composição anterior assimilada e transformada. Em rochas de ar livre, de acesso mais facilitado, estes procedimentos são bastante frequentes.

Foi na bacia de Mirandela, ou nos seus “contrafortes” que se encontrou a maioria das alabardas de tipo “Carrapatas”: duas em Abreiro (Mirandela), duas em Carrapatas e quatro em Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros). Uma nona provém do sítio do Alto das Pereiras em Vimioso, já fora desta bacia depressionária do Tua (e da parte inferior dos rios que lhe dão origem-Tuela e Rabaçal).

Estas armas, de contexto arqueológico muito duvidoso ou mesmo desconhecido, aparecem também em estações melhor definidas arqueologicamente, situadas no NW. (e mesmo Centro) da Península Ibérica e testemunham, segundo variados autores, a penetração de armas (e jóias) de tipo atlântico, ou de expansão atlântica (alabardas) para o interior, onde “convivem” ou são assimiladas a contextos que também ostentam punhais de tipo campaniforme (como nos depósitos de Pantoja-Toledo ou Roufeiro-Orense). Refiramos porém, que as armas citadas, exumadas no interior de Trás-os-Montes, são tão parecidas na forma, dimensões e composição metálica, que fazem pensar num atelier ou oficina localizada nesta região<sup>43</sup>.

Na laje de Vale de Juncal é reafirmada a importância da alabarda como arma cujo peso simbólico e social seria assaz importante pois é inserida (ou “absorvida”, se se tratar de uma gravação posterior) num mundo iconográfico e semântico cujas raízes, embora neolíticas, acusam uma grande expansão peninsular pelo menos no Calcolítico. Desse “mundo iconográfico” fariam parte também os antropomorfos em *fi*, os arboriformes, as figuras sub-rectangulares, as “nuvens de picotados” e mesmo as figuras subcirculares.

O mesmo fenómeno parece estar presente nas estelas de Agallas, Los Santos e Hernan Perez VI, indicadas atrás, a que haveria de acrescer o exemplo da representação idoliforme de Peña Tu (Astúrias) — inserido num painel com pintura esquemática e ladeado de um punhal. Procedimento similar está patente na pedra (sepulcral) de Tabuyo del Monte (León) — onde a gravura antropomorfa é também ladeada de um punhal campaniforme longo e de uma alabarda encabada — e na pedra de Sejos I (Cantabria)<sup>44</sup>, embora aqui a figura antropomorfa central só seja ladeada de um punhal curto. Conceções escultóricas predominantemente calcolíticas, neste caso antropomorfas, passam a inserir armas dos inícios da I. do Bronze, sendo nítido, no caso de Agallas, que a figura da alabarda encabada não fazia parte da composição escultórica primitiva.

Se em Vale de Juncal estamos perante um grande antropomorfo em *fi*, o significado da associação de armas metálicas de tradição calcolítica a figuras antropomórficas deve inscrever-se na mesma linha da dos exemplos citados acima (de Peña Tu, Tabuyo, Sejos I, etc.).

Se se trata de uma representação de um arco, então as duas armas de Vale de Juncal — arco e alabarda — ostentam o seu valor simbólico de modo individual, de *per se*, sem necessidade de associação directa a uma entidade antropomorfa ou mesmo explicitamente materializada.

Uma terceira hipótese, que se aproxima mais da primeira, admite a ambivalência semântica da figura do “antropomorfo/arco”. Neste caso a associação de uma alabarda a um arco e a um antropomorfo, ligar-se-ia mais do ponto de vista conceptual a figuras “fortemente” armadas providas de arco, cujo expoente máximo encontramos, afinal, na representação de uma entidade guerreira ou mesmo de um guerreiro fortemente armado de Longroiva (com arco, alabarda encabada, punhal comprido).

Esta tendência para a associação de armas a outros motivos sem identificação etnográfica clara — como o são a figura rectangular e os arboriformes em Vale de Juncal — parece-nos bastante marcada nas gravuras de ar livre de todo o NW. peninsular, incluindo o Centro de Portugal.

Falámos na Pedra Letreira de Góis, no rochedo de Puerto del Gamu (Placência-Cáceres), sendo de particularizar a primeira já que exhibe arcos de grandes dimensões (desconhece-se o tamanho e

<sup>43</sup> BARTHOLO, M. L. (1959), Alabardas da época do Bronze do Museu Regional de Bragança, *Actas e Mem. do 1.º Congresso Nac. de Arqueologia*, I, Lisboa; SANCHES, M. J. (1992), *Pré-história Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monog. Arq. 3, GEAP, Porto.

<sup>44</sup> Cf. nota 38 (1990 e 1992). Ver ainda BUENO RAMIREZ, P. *et alii* (1985), Excavaciones en el Collado de Sejos (Valle de Polaciones-Santander), *N.A.H.*, 22, Madrid. Trata-se aqui de um menir (menir n.º 2) inserido numa estrutura pétreia, a qual incluía 5 exemplares, sendo o n.º 1 também gravado com uma figura de cariz antropomórfico, mas sem armas metálicas ou outras.

mesmo a configuração exacta do arco e das setas em Puerto del Gamo), figuras rectangulares, triangulares e exagonais de difícil identificação etnográfica. O levantamento que conhecemos da Pedra Escrita de Ridevides, no próximo vale da Ribeira da Vilarça e gravada predominantemente pela técnica de abrasão tal coma aquelas duas referidas atrás, não contém desenhos explícitos de armas ou outros utensílios, embora exhiba figuras rectangulares de variados tipos e segmentados no interior de modos diversos, figuras triangulares, alinhamentos paralelos de riscos verticais, etc <sup>45</sup>. A Pedra Escrita insere-se num mundo de gravuras da Pré-história recente do Centro-Norte do País, cuja temática e organização é similar à da pintura esquemática (veja-se o caso dos abrigos pintados de Cachão da Rapa ou Regato das Bouças 3, para só citar dois exemplos <sup>46</sup>). De realçar que o rochedo 1 ostenta, numa 2.ª fase de gravação, figuras picotadas que incluem essencialmente círculos interrompidos com ou sem covinha central, tal como em Vale de Juncal, e ainda alguns antropomorfos.

Molelinhos (Tondela) e Fraga dos Fusos de Sortes (faldas da Serra de Nogueira-Bragança) de que só conhecemos notícias e desenhos muito antigos, são ainda duas manifestações de arte gravada por abrasão que marcam *esta tendência na exaltação de armas de tradição calcolítica com motivos mais correntes na pintura esquemática*. Em Molelinhos, segundo M. V. Gomes e J. P. Monteiro <sup>47</sup> a fase mais antiga da estação exhibe “punhais, reticulados, escaleriformes e outros motivos geométrico-simbólicos”. Falcatas, pegadas humanas e círculos, seriam já dum período posterior (as falcatas situar-se-iam já na I. do Ferro, seg. aqueles autores).

A Fraga dos Fusos de Sortes também contém, tal como a de Ridevides, muitas figuras indecifráveis (traços ou riscos, ora alinhados, ora dispostos caoticamente) mas parece existirem aí várias figuras de armas metálicas, provavelmente punhais <sup>48</sup>.

Não querendo ser exaustivos, refiramos que recentemente se têm descoberto na Galiza litoral conjuntos de afloramentos gravados com armas — punhais, espadas e, particularmente “alabardas encabadas” —, os quais vêm acrescer o número daqueles anteriormente conhecidos e que têm sido objecto de trabalhos de vários arqueólogos galegos como Peña Santos <sup>49</sup>.

Além das já conhecidas de Castro do Conxo em Santiago de Compostela, Primadorno I (Silleda), Laxe da Xán (Cangas de Morrazo), Xan de Deus (Moraña), Poza da Lagoa (Redondela), estas em Pontevedra, foi publicada a estação da Auga da Laxe (Gondomar) com 5 conjuntos. Em Auga da Laxe I, II, III e IV, as armas atingem a sua máxima expressão pois aí figuram predominantemente alabardas, punhais e/ou espadas curtas, destacando-se o conjunto I, onde é representada uma grande espada (antropomorfizada?), a par de figuras alongadas, identificadas pelo autor como “escutiformes”. No mesmo município, na estação de Santa Lucía (Vincios) ainda com uma temática típica da arte do NW. — covinhas, círculos com covinha central, círculos concêntricos — dos cinco conjuntos estudados, um, aquele denominado de Grupo III, contém exclusivamente três alabardas encabadas <sup>50</sup>. Os diferentes investigadores que estudaram tipologicamente as alabardas presentes nas estações galegas referidas estão de acordo em que se trata de modelos aproximados das alabardas de tipo Carrapatas.

Em resumo, podemos dizer que também estas representações de armas citadas imediatamente atrás, se inserem conceptualmente num mundo de motivos simbólicos e abstractos muito vasto, o qual suporta a maioria das composições da chamada arte gravada ou petróglifos do NW. da P. Ibérica.

5. Este trabalho alongou-se muito além das nossas intenções iniciais que residiam fundamentalmente na publicação dos desenhos da Pedra de Vale de Juncal 1. Todavia, a ausência de contexto arqueológico por um lado, e a temática particular dos motivos, por outro, implicou esta extensa busca de relações gráficas, culturais e cronológicas com outras estações arqueológicas conhecidas.

<sup>45</sup> SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1963), As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarça), *Trab. de Antropol. e Etnolog.*, 19, 2, SPAE, Porto.

<sup>46</sup> Cf. nota 16.

<sup>47</sup> Cf. artigo da nota 36, pág. 332.

<sup>48</sup> ALVES, F. M. (1975, 2.ª), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX, Museu do Abade de Baçal, Bragança, pp. 657-659.

<sup>49</sup> PEÑA SANTOS, A. (1980), Las representaciones de alabardas en los grabados rupestres gallegos, *Zephyrus*, 30-31, Salamanca.

<sup>50</sup> COSTAS GOBERNA, F. J. *et alii* (1984), *Petroglifos del Litoral Sur de la Ría de Vigo*, Public. del Museo Municipal “Quiñones de León”, 8, Vigo.

Creemos ser lícito dizer que a Pedra de Vale de Juncal, proveniente da bacia do rio Tua, no Leste de Trás-os-Montes, pode ser situada cronologicamente no início do II mil. a.C., se atendermos à tipologia da alabarda gravada com a técnica 2 e ainda ao facto de a maioria das alabardas de cobre arsenicado deste tipo terem sido exumadas nesta região. As figuras gravadas com a técnica 1 — “nuvens de pontos”, arboriformes e antropomorfo/arco — admitem uma cronologia anterior (já que se encontram em estações datadas dos finais do IV e de todo o III mil. a.C.), mas infelizmente não podemos estar seguros da sua maior antiguidade relativamente àqueles realizados com a técnica 2.

As regravações indicam que a simbologia expressa nesta laje se encontrou em vigor durante um período que foi além do da gravação (ou gravações) inicial.

A temática da laje de Vale de Juncal também não permite, pela negativa, a delimitação restrita do contexto de origem. Tanto pode ter sido um esteio de um dólmen (que estaria aberto ou “não esquecido” no início do II mil. a.C.), como um fragmento de um afloramento gravado. No primeiro caso seria possível que tanto a laje 1, que tem sido objecto de desenvolvimento neste texto, como a laje 2, de que também apresentamos o desenho, e ainda uma terceira que se situa no pórtico da casa e que também não apresenta na face inferior picotados metálicos de extracção, possam ter sido retiradas, como “reza a memória” de um dos dólmenes do local das Antas ou do Prado Santo.

Intuímos que as semelhanças são maiores com a arte esquemática, (pintada e gravada), mas dada a não uniformidade da arte presente nos dólmenes, não queremos eliminar esta hipótese, aguardando que novas descobertas venham precisar esta interpretação. Como indicámos acima, a tentativa de identificação de afloramentos de xisto quartzítico negro em Vale de Juncal, levou à descoberta, no Tapado da Urreta Verde, de uma estação da Pré-história recente com algumas peças líticas talhadas. Porém, o afloramento encontra-se quase totalmente destruído e pelo que pudemos ainda observar, não havia vestígios de gravuras pré-históricas.

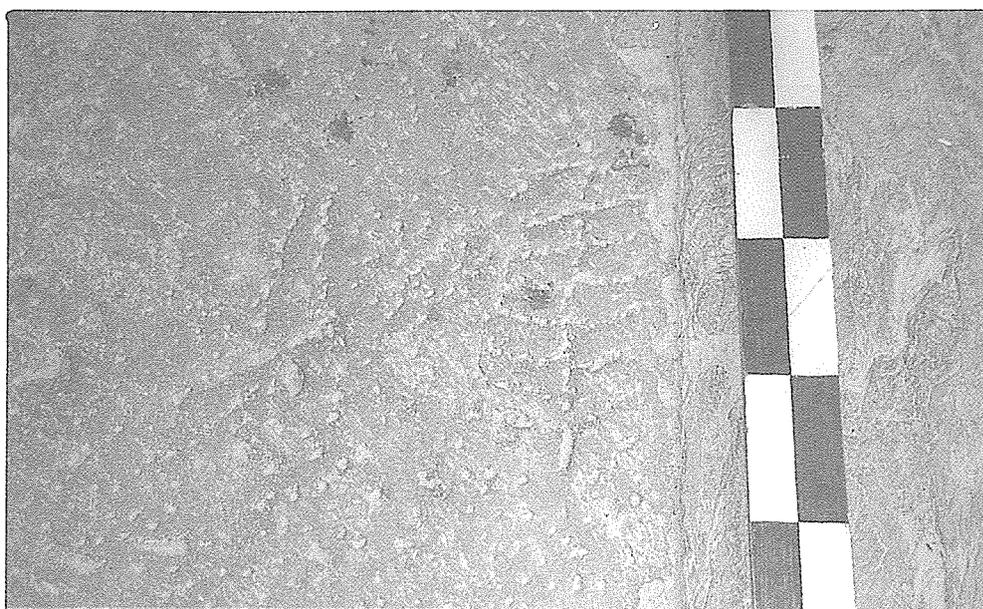
Janeiro de 1993.



1. Laje de Vale de Juncal. Vista geral.



2. Pormenor do "antropomorfo/arco" e do arboriforme situado do lado esquerdo daquele.



1. Alabarda e arboriforme encimado por uma covinha.



2. "Antropomorfo/arco".



3. Canto inferior da laje com figura semicircular provida de covinha central.